

O PÓS-PANDEMIA NA PRÁTICA EDUCATIVA NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: relato de experiência

Márcia de Souza dos Santos¹

Eixo 10 – Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência da prática educativa de uma professora alfabetizadora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – RMBH. O objetivo consiste em compartilhar as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 1º ano, no decorrer de 2022, no que tange ao processo de alfabetização, considerando a experiência do ensino presencial após a pandemia da COVID-19. Trata-se de um estudo qualitativo, através de um relato de experiência, cujo percurso metodológico é embasado na narrativa autobiográfica. Os resultados reforçam a importância de avaliar, validar e sistematizar as práticas desenvolvidas durante os anos de 2020 e 2021 que possam contribuir na melhoria do processo de alfabetização e letramento. Nas considerações finais, apresento reflexões sobre as práticas pedagógicas utilizadas durante o período remoto que permaneceram após o retorno ao ensino presencial dentro dos mais diversos contextos educacionais.

Palavras-chaves: Pós-pandemia. Alfabetização e Letramento. Práticas pedagógicas.

Introdução

Os primeiros casos da COVID-19, no final do ano de 2019 na China e a rápida proliferação do vírus, a ponto da Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar que se tratava de uma grave pandemia e que o risco de morte era eminente. A ponto de atingir altos índices de mortalidade na esfera global e obrigar os órgãos governamentais a publicarem decretos orientando a suspensão do ensino presencial. Com isso, o ano de 2020 foi de imersão no Ensino Remoto Emergencial (ERE) em que os profissionais da educação, professores e professoras, tentaram manter o vínculo dos processos de ensino e aprendizagem com seus(as) estudantes. Para isso, recriaram, (se) adaptaram, reinventaram a sua forma de trabalhar e adequaram a prática pedagógica ao período de isolamento social.

Foi grande o desafio em 2020, principalmente para nós professoras alfabetizadoras, na árdua tarefa do ensino da leitura e da escrita e com a presença de desigualdades sociais

¹ Mestre em Educação e Formação Humana pela UEMG. Professora alfabetizadora na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME-BH). Contato: marcia.ss@edu.pbh.gov.br.

no acesso durante esse período.

O ano de 2021 ficou marcado pelo formato híbrido e o ano de 2022, foi o retorno ao ensino presencial em todo o território nacional. Diante do exposto, o objetivo é compartilhar aprendizados e perspectivas, com outras(os) professoras(es) alfabetizadoras(es) e demais interessadas(os), pontuando reflexões sobre o pós ensino remoto e possibilidades de continuar utilizando as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) no ensino presencial. Para isso, apresento os caminhos teóricos sobre alfabetização e letramento que me norteiam. Descrevo o percurso metodológico deste relato de experiência. Apresento, de forma sucinta, o uso de algumas TDIC que utilizei ao longo de 2022, na turma de 1º ano/9, em uma escola municipal da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH).

2 Os caminhos teóricos da alfabetização e letramento

As incumbências de uma professora alfabetizadora² são inúmeras, no entanto, para a execução é preciso embasamento em caminhos teóricos que visem a primazia dos processos de alfabetização e letramento em turmas dos anos iniciais. Por isso, a primeira discussão que apresento são os caminhos teóricos que norteiam a minha linha de trabalho.

Iniciando apresentando os conceitos de alfabetização, alfabetização discursiva, alfabetização digital e o conceito de letramento, sem aprofundar na questão da multiplicidade desses conceitos. Por conseguinte, apresento o conceito do que estou considerando como prática pedagógica.

Entendo que a “*alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala*” (SOARES, 2014, np. Grifo da autora).

Recentemente conheci a *alfabetização como processo discursivo*, que tem perspectiva de natureza social, ou da sociogênese do desenvolvimento humano.

Isto significa que os modos de agir, pensar, falar, sentir das crianças vão se constituindo e adquirindo sentido nas relações sociais. Destaca-se, assim, a fundamental importância da mediação e da participação de outros na construção do conhecimento pela criança, bem como a concepção de *linguagem como produção histórica e cultural, constitutiva dos sujeitos, da subjetividade e do conhecimento*. Ou seja, a *forma verbal de linguagem como modo de interação* – como produção e produto humanos – afeta, constitui e transforma o desenvolvimento e o funcionamento mental dos sujeitos (SMOLKA, 2014, np. Grifos da autora).

Considerar a alfabetização discursiva é caminhar para o alfalettrar proposto por

² O termo é utilizado no gênero feminino, considerando a predominância de mulheres na etapa inicial da Educação Básica, conforme dados de pesquisas como o IBGE e do Coletivo Alfabetização em Rede.

Soares (2020). Pois, a criança, antes mesmo de entrar na escola, vai interagindo com o meio e de forma progressiva se aproxima do conceito de escrita. Além de perceber que escrever é um ato de transformar a fala em marcas, em determinado suporte, e que ler é o caminho oposto (SOARES, 2020).

Outro conceito basilar, que tenho levado mais em consideração nos três últimos anos foi *alfabetização digital*, em que se entrecruzam o uso do instrumento de registro, os usos sociais da escrita, os sistemas de representação utilizados atualmente na sociedade brasileira no mesmo suporte (FRADE, 2014), em diferentes ferramentas que permitem acesso à cultura digital (*smartphone*, *tablet*, computador, dentre outros). As formas mencionadas interferem mutuamente no gesto de escrever e no pensamento sobre o funcionamento da escrita (FRADE, 2014) das crianças em processo de alfabetização e letramento. Acrescento também a influência no gosto por escrever ao investir no uso das TDIC nesse processo.

Outro conceito essencial é o de *letramento*. Soares (2014) pontua que é

o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções (SOARES, 2014, np.).

Por fim, compreendo que “*Prática Pedagógica* é entendida como uma prática social complexa, acontece em diferentes espaço/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos” (CALDEIRA, ZAIDAN; 2010) e considerando a mediação docente ao estabelecer a interação professor-aluno-conhecimento.

3 Percurso metodológico

Levando em consideração o gênero textual, opto pelo termo percurso metodológico ao invés de metodologia. Pontuo que, para o desenvolvimento deste relato de experiência, ancorei-me na natureza qualitativa, com caráter descritivo e que teve como objeto de estudo, as práticas pedagógicas desenvolvidas no ano de 2022, na minha turma de 1º ano com 18 crianças matriculadas, na Rede Municipal de Belo Horizonte (RMBH).

Daltro e Faria (2019, p.224) consideram o relato de experiência “como mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas [...]”. Pontuando que, a partir da experiência de quem relata é possível “gerar novas noções teóricas com capacidade de provocar a emergência de outras problematizações e processos [...]”.

A escola *locus* na qual trabalho desde 2016 pertence a regional Barreiro, Belo Horizonte, Minas Gerais. As comunidades atendidas são compostas, em sua maioria, por

vilas; além de várias empresas com sede nessa região.

4 Os recursos para a Alfabetização e Letramento no pós-pandemia

Nessa parte, apresento a breve descrição das TDIC que passei a utilizar nas minhas práticas pedagógicas, desenvolvidas durante o ano de 2022. Esta seção está organizada em duas tessituras: a primeira aborda o uso de algumas TDIC que conheci no período do ERE e que passei a utilizar após o retorno presencial, no referido ano. A segunda, discorre sobre a experiência da relação família escola, valendo-se da interação no grupo de *whatsapp* da turma.

4.1 Resquícios do ERE no pós-pandemia no uso das TDIC

Durante o período de pandemia as professoras alfabetizadoras tiveram que sofrer uma imersão de suas práticas pedagógicas dentro da cultura digital de forma obrigatória. O ensino remoto foi a porta de abertura para professoras que ainda não utilizavam recursos tecnológicos na sua prática educativa. conforme relatos de colegas de trabalho, durante os anos de 2020 e 2021, nos momentos de formação pelos pares. No ano de 2021, vivenciamos o formato híbrido e o gradativo retorno ao presencial.

Dentre as várias tecnologias utilizadas no período pandêmico, relato as que utilizei em sala de aula, visando potencializar as práticas pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita. Tal realidade foi possível porque a prefeitura de Belo Horizonte disponibilizou *tablets* para as escolas da rede. Considero que tal investimento proporcionou novas possibilidades nas práticas pedagógicas alfabetizadoras. As observações realizadas apontam para um trabalho mais lúdico e que despertou maior interesse das crianças, corroborando a prática da alfabetização digital mencionada por Frade (2014).

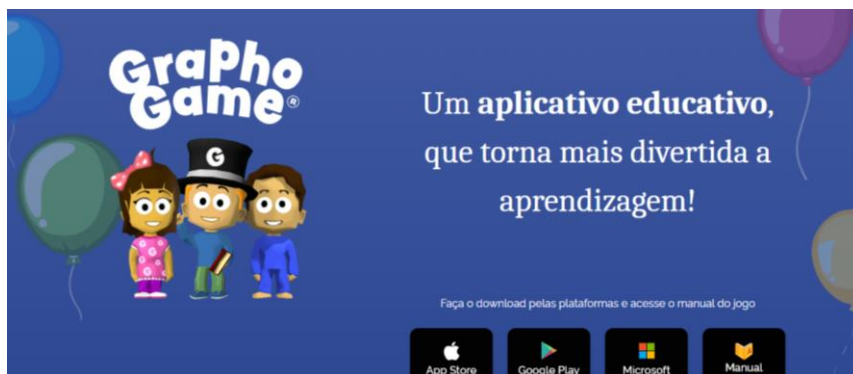
Além disso, o corpo docente recebeu o *Chrome book*, as salas de aula foram equipadas com aparelhos retroprojetores e com caixa de som. Anterior ao período pandêmico, a escola possuía apenas dois retroprojetores para toda a escola e tinha um *notebook* institucional, o material ficava guardado na sala do caixa escolar e a sua utilização tinha vários condicionantes. A escola não dispunha de *wi-fi* e o acesso à internet era feito com recursos próprios.

Compartilho alguns dos jogos instalados nos *tablets* das crianças e alguns dos *sites* utilizados em sala de aula. O uso desse recurso era na sexta-feira pois nesse dia o nível de infrequência era maior. Além disso, a sexta-feira era o momento de retomada do que foi trabalhado ao longo da semana. Eram destinados dois horários para o uso do *tablet*: um para desenvolvimento de atividades de Matemática e o outro de Língua Portuguesa. Após a

execução do planejamento as crianças tinham dez minutos de estudo livre e podiam escolher qual aplicativo iriam utilizar. A seguir, apresento alguns deles:

O *Grafo Game*³ é um aplicativo educativo disponibilizado pelo Ministério da Educação (MEC) possui vários níveis começando do básico destinado às crianças pré-silábicas e indo para níveis mais avançados, de acordo com a evolução da criança no jogo (Figura 1).

Figura 1 – Jogo *Grapho Game* para ensino da leitura e da escrita



Fonte: MEC (2023).

Outro recurso utilizado foi o *Lelê sílabas* (Figura 2). É importante esclarecer que todos os jogos instalados nos *tablets* podiam ser utilizados *offline*, pois a escola ainda não tinha o *hotspot*⁴ para disponibilizar internet para todos.

Figura 2 – Jogo *Lele Sílabas*



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.morgade.lele&hl=pt_BR&pli=1

Outro aplicativo com proposta similar é o *Silabando* (Figura 3). Sua plataforma tem mais possibilidades de atividades. Destaco que as opções erradas são eliminadas, promovendo uma reflexão na busca pela resposta certa.

³ *Grapho Game*. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/grapho-game>. Acesso em: 28 nov. 2022.

⁴ Ver mais informações a respeito no site da PBH. Disponível em:

<https://prefeitura.pbh.gov.br/transparencia/duvidas-frequentes/pontos-de-acesso-livre-internet>. Acesso em: 26 maio 2023.

Figura 3 – Visualização das imagens de abertura do aplicativo Silabando



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.appsbergman.silabando&hl=pt_BR&gl=US

A instalação do retroprojektor em cada sala de aula facilitou o uso deste recurso. No entanto, para ter acesso à internet, eu utilizava o roteamento dos dados móveis do meu celular em 2022. Atualmente a escola já possui acesso à internet.

Apresento os sites que conheci durante a pandemia e que na minha percepção são importantes ferramentas para personalização das atividades de interação *online*, pois é possível se cadastrar e produzir atividades para serem compartilhadas na plataforma (Figura 4 e Figura 5).

Figura 4 – Site Wordwall



Fonte: <https://wordwall.net/pt-br/community/alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-1-ano>

Os sites do *Wordwall* e *Live Work Sheets* tem um vasto material de atividades interativas. Escolho previamente a atividade e a imagem é projetada no quadro, as crianças participam em grupos, duplas ou de forma individual e me indicam a opção de resposta.

Figura 5 – Site Live Works Sheets



Fonte: <https://www.liveworksheets.com/search.asp?content=Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>

Outra TDIC que aprendi a utilizar no período pandêmico, foi o canal no *YouTube* (Figura 6). Utilizei e ainda utilizo para produzir conteúdo específico para trabalhar com a minha turma. Por exemplo: fiz um vídeo das crianças em diversas atividades e apresentei na reunião de pais. O acesso ao vídeo é restrito às famílias que recebem o link de acesso, pois o *YouTube* proporciona opções de acessibilidade. Na minha percepção é uma ferramenta que permite curadoria digital, tanto para as crianças, quanto para suas famílias. É uma ferramenta mais complexa que, demanda mais tempo para a produção de conteúdo. Entretanto, é válido colocar a sua utilização em pauta, ao pensar nas possibilidades de uma alfabetização e letramento digital na perspectiva de um processo discursivo (FRADE, 2014; SMOLKA, 2014; SOARES, 2020, 2014).

Figura 6 – Plataforma do meu canal no Youtube



Fonte: Arquivo pessoal.

Antes da pandemia eu já utilizava alguns recursos⁵, mas o ensino remoto me abriu

⁵ No 7º Seminário Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente/ II Simpósio Educação, Formação e Trabalho, apresentei *O laboratório de informática na construção do conhecimento matemático nos anos iniciais: herói ou vilão na perspectiva da neurociência?* Disponível em: <https://mestrados.uemg.br/ppeduc>

novas horizontes, me fez conhecer novas possibilidades e perceber que o meu conhecimento era mínimo, referente à cultura digital. Eu utilizava o laboratório de informática uma vez por semana e trabalhava jogos interativos. Poucas professoras utilizavam os recursos da escola, por razões pessoais e/ou não conseguiam alguém para auxiliá-las.

Para além dos elementos mencionados, é válido pensar que “O material didático voltado para o processo de alfabetização deve ser organizado de modo que consiga proporcionar reflexões linguísticas no contexto de letramento para que o estudante se aproprie da língua escrita” (FERREIRA, 2021, p.4). Espero que a produção de material didático *online* e com possibilidades de personificação de acordo com o perfil de cada turma possa se considerado como pauta de discussão nas escolas.

4.2 Novas formas de estabelecer o vínculo família-escola

A relação família escola em camadas populares tem várias vertentes. Durante a pandemia foi possível constatar algumas: a) as famílias que participaram do ensino remoto ativamente ou parcialmente; b) as famílias que não participavam por declararem falta de condições e c) as famílias que não mantiveram nenhum vínculo das crianças com a escola e foram adicionadas ao busca ativa⁶.

“As famílias se organizam de inúmeras formas para conseguir responder à sua responsabilidade com a educação. Mas, sabemos também que muitas crianças ficam desassistidas, com a educação sendo negligenciada” (FERREIRA, 2021, p.4). A respeito das formas de organização das famílias atendidas, em 2020 e 2021, o agrupamento de professoras que eu participava, obteve um retorno mínimo das propostas de atividades. O contato era feito pelo grupo de *Whatsapp*. Para 2022, eu optei por continuar utilizando grupo de pais no *Whatsapp*, para testar se o uso de tal TDIC iria proporcionar resultados mais efetivos do que no período do ERE.

A finalidade do grupo era estabelecer uma aproximação e fortalecer a relação família escola, visando atingir resultados profícuos no desenvolvimento das crianças. Diante disso, somente as administradoras do grupo podiam enviar mensagens. Estendi a proposta para as duas professoras do meu agrupamento, que aderiram e juntas formamos um grupo de pais para as três turmas. Ao longo do ano, percebi um retorno e participação maior das famílias na vida escolar de suas crianças.

anais-7-seminario/category/133-eixo-iv-educacao-profissional-e-mundo-do-trabalho?download=640:o-laboratorio-de-informatica-na-construcao-do-conhecimento-matematico-nos-anos-iniciais-heroi-ou-vilao-na-perspectiva-da-neurociencia. Acesso em: 19 maio 2023.

⁶ Sobre o processo de busca ativa VER: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/2021/comunica-rede-n24_set21.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

5 Considerações parciais

Em linhas gerais, creio que o objetivo deste relato é realizado quando apresento e compartilho, mesmo que sucintamente, reflexões sobre as práticas pedagógicas utilizadas durante o ERE e que permaneceram após o retorno ao ensino em minhas práticas pedagógicas.

Apresento considerações parciais que estão em construção, pois continuo utilizando e tentando inserir ferramentas que estavam no ERE. Considero que o uso das TDIC não é nenhuma novidade no campo educacional⁷. Mas, percebo que a crise sanitária da COVID-19 fez com que fossemos inseridos na cultura digital educacional e que novos aprendizados e perspectivas fossem pensados para a alfabetização e letramento.

Referências

CALDEIRA, Anna M. S.; Z Aidan, Samira. Prática pedagógica. In: OLIVEIRA, Dalila A.; DUARTE, Adriana C.; VIEIRA Lívia Maria F. (Org.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: GESTRADO/FaE/UFMG, 2010. v. 1. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/pratica-pedag-gica/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

DALTRO, M.R.; FARIA, A.A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FERREIRA, Josemeire do Nascimento. **A produção de material didático para alfabetização no ensino remoto e o processo de desenvolvimento profissional**. In: V CONBALF- Políticas, Práticas e Resistências. Universidade do Estado de Santa Catarina: 18,19,20 de 2021. Disponível em: http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/schedConf/presentations?searchField=&searchMatch=&search=&track=116>. Acesso em: 28 jan. 2023.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Alfabetização digital | Glossário**. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao-digital>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Alfabetização | Glossário**. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao-como-processo-discursivo>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização | Glossário Ceale**. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 4 abr. 2023.

⁷ Para mais informações VER: 7º Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura escrita realizado em 2019, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse evento apresentei *TDIC no processo de ensino aprendizagem: possibilidades de uso na prática pedagógica*. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/ANAIS%20VII%20Col%3%B3quio/TDIC%20NO%20PROCESSO%20DE%20ENSINO%20APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

SOARES, Magda. **Letramento | Glossário Ceale**. 2014. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.